



## AS APROPRIAÇÕES NOS SITES DE REDES SOCIAIS NA INTERNET<sup>1</sup>

Antônio César da Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ce

**Resumo:** O artigo aqui proposto antecipa as reflexões iniciais a respeito de algumas das categorias presentes no meu projeto de pesquisa no Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. O trabalho em andamento discute as apropriações e intervenções no ambiente da virtualidade, mais especificamente nos sites de redes sociais. As considerações que vêm sendo desenvolvidas tentam refletir sobre em que medida as apropriações exercidas por diversos atores que se encontram nesses sites e o que há por trás dessas apropriações, além de exercer impacto sobre essas estruturas, ajuda-nos a compreender melhor a relação que estes atores estabelecem com essas plataformas.

**PALAVRAS-CHAVE:** apropriações; sites de redes sociais; multiterritorialidade.

### 1. Introdução

A agrupação de atores sociais em rede no ambiente da internet vem ganhando expressividade nos estudos que tratam da cibercultura (Aguiar, 2006). O foco dos trabalhos como aponta Recuero (2009) recai nas questões de estrutura dessas redes, dos grupos sociais que nelas e/ou através delas se formam, na difusão de informações que estas redes e plataformas propiciam e das diferentes formas de apropriações que podem ser observadas pelos seus usos. A proposta aqui apresentada tem como foco esta última questão, isto é, a do movimento das apropriações. Pensando-o como um lugar de diálogo e confronto entre múltiplos olhares que se entrelaçam (Martin-Barbero, 2004), penso que o melhor entendimento desta etapa do relacionamento dos atores com as redes pode oferecer pistas de como compreender melhor esta relação. Para isso, procuro neste trabalho refletir acerca dos elementos que compõem o movimento de apropriações

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cibercultura do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará. cesarsilva21@gmail.com



no ciberespaço, partindo das noções de apropriações nos meios de comunicação (Thompson, 1995) e na cibercultura (Lemos, 2006), como estas considerações podem ser pensadas perpassando-as pelo conceito de redes sociais na Internet (Recuero, 2009) e, por fim, procurando entender o entrecruzamento possível destas noções com as idéias de multiterritorialidade (Haesbaert, 2001) e reterritorialização (Lemos, 2006b).

## **2. Apropriações dos meios e na cibercultura**

Thompson (1995) em sua obra “Ideologia e Cultura Moderna” nos atenta, no momento da análise dos meios de comunicação, a importância de perceber, ou de pelo menos lançar o olhar para o que ele chama de apropriação cotidiana dos produtos de comunicação de massa. Para o autor, esse aspecto do processo comunicacional contempla os contextos sócio-históricos particulares, em que, os atores e grupos sociais recebem as mensagens, que significados dão a essas mensagens e o quanto dessa produção simbólica esses atores integram em sua cotidianidade. Thompson defende que o movimento de apropriação cotidiana está ligado à essência dos meios técnicos de transmissão, à presença de competências e recursos capazes de decodificar as mensagens transmitidas, e “às regras, convenções e exigências práticas ligadas a tal decodificação” (1995: 403). A relevância das observações do autor também pode ser entendida pelo olhar que ele lança sobre a recepção das mensagens, já que no mesmo texto Thompson critica o fato de a maioria das análises produzidas a respeito dos meios de comunicação, até então, darem pouco destaque a este aspecto e centrarem seus estudos nos meios.

Martin-Barbero (1997) em “Dos meios às mediações” nos leva a refletir para o reconhecimento da situação em que o processo comunicacional se realiza, mas a partir dos sujeitos, dos atores e das mediações. Ele oferece uma mudança de olhar desde o qual são formuladas as perguntas.

Os dois autores trabalharam dentro de uma atmosfera onde o contexto comunicacional em que os atores sociais estavam inseridos ainda era bem distante do que vivemos hoje. Martín-Barbero (2004) nos traz até uma importante discussão sobre os usos das tecnologias na região latino-americana onde os produtos tecnológicos são consumidos em um espaço social e cultural que não acompanha os desafios da contemporaneidade, onde uma nova configuração cultural vem sendo produzida a partir de uma racionalidade tecnológica que se apresenta como um novo projeto de sociedade carregado de discursos composto por chavões como “modernidade”, “avanço” e



“desenvolvimento”. Ainda assim, mesmo com suas importantes contribuições, ambos os autores não poderiam imaginar a que ponto a difusão de informações e o avanço tecnológico chegariam, tampouco que suas reflexões desenvolvidas distante deste contexto seriam tão relevantes no entendimento das práticas comunicativas atuais.

A reconfiguração cultural a que Martín-Barbero (2004) se referia chegou, e hoje ela tem nome: cibercultura. Pierre Levy, assim, define:

“O ciberespaço (...) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (Levy, 1999: 16).

Nele, no ciberespaço, a comunicação ocorre de muitos para muitos, e portanto, a produção e a recepção de conteúdo fica a cargo de todos. Outro fator importante a ser observado diz respeito a difusão de informações no ambiente da virtualidade em uma velocidade quase que instantânea e que traz implicações econômicas, sociais, políticas e culturais de proporções ainda desconhecidas (Castells, 2003).

Neste contexto, como podemos refletir acerca das apropriações que ocorrem no relacionamento com a rede mundial de computadores e das práticas que ela proporciona, com destaque aqui a publicização e formação de novas redes sociais?

André Lemos (2006) destaca que a cibercultura já nasce da apropriação tecnológica, permite novas maneiras de apropriação social dos objetos tecnológicos e é no cotidiano que se desenvolve essas formas, novas e inusitadas, de relação do homem com a tecnologia.

O autor utiliza-se da sociologia dos usos com destaque para a análise da lógica dos usos, desenvolvida por Jacques Perriault, para refletir que as aplicações dos objetos tecnológicos não podem ser tributadas somente “as estratégias de empreendimentos de acordo com a objetividade da função do objeto”, ou em consonância a chamada racionalidade técnica presente nos modos de usar, manusear esses elementos. Para Perriault, destaca Lemos, os usuários possuem, inclusive, uma estratégia própria de utilização desses componentes comunicacionais. (Lemos, 2006: 49)

Nesse sentido, Lemos é menos enfático que Perriault e prefere falar em “astúcia dos usos” já que este termo se aproxima mais da idéia de imprevisto, escapando



da noção de lógica. Para isso, o autor faz referências a Michel de Certeau, lembrando que os usuários reinventam o cotidiano, são capazes de investir em produção de bens simbólicos mesmo nas mais banais ações do dia a dia. Sendo assim, não haveria uma lógica, mas uma espécie de relação dialógica bastante complexa, inclusive, entre esses objetos, os usos que os atores fazem deles e as funções destes mesmos objetos (2006: 49).

“A apropriação tem sempre uma dimensão técnica (o treinamento técnico, a destreza na utilização do objeto) e uma outra simbólica (uma descarga subjetiva, o imaginário). A apropriação é, assim, ao mesmo tempo forma de utilização, aprendizagem e domínio técnico, mas também forma de desvio (deviance) em relação às instruções de uso, um espaço completado pelo usuário na lacuna não programada pelo produtor/inventor, ou mesmo pelas finalidades previstas inicialmente pelas instituições.” (Lemos, 2006: 49).

Assim, para Lemos (2006), ao estudar usuários das tecnologias virtuais devemos superar a idéia de uso correto ou não das máquinas de comunicação e passarmos a buscar compreender, sob a ótica do usuário como agente, o que vem reforçando ainda mais a apropriação social destas máquinas. Por exemplo, o autor também entende que a cibercultura proporciona a este mesmo usuário uma espécie de sentimento de deslocamento do aqui agora, do espaço e do tempo, dessa forma, a cultura do ciberespaço estaria marcada pelas tecnologias da simulação. Simulação esta que se converte em desejo já que esta ilusão de desvios permite ao usuário experimentar novas formas de uso dessas máquinas, desse espaço e descobrir que esses usos podem levá-los a outros caminhos, como a criação de novas redes de sociabilidade. É sobre esses agrupamentos, essas redes que se reestruturam, reinventam-se, no ambiente da cibercultura que tratamos no próximo tópico.

### **3. Redes sociais na Internet**

A formação de redes é uma prática antiga da sociedade, mas que vem ganhando ainda mais força com a difusão e troca intensa de informações propiciadas através da internet (Aguilar, 2006). Uma rede social pode ser definida como um conjunto de dois elementos: atores (os chamados nós da rede, atores, grupos sociais, organizações) e suas conexões (os laços sociais que nelas e através dela se formam). Portanto, a rede pode ser entendida como uma metáfora para analisar as diversas formas



de conexões que determinados grupos sociais realizam, a partir das conexões que esses atores estabelecem entre si (Recuero, 2008).

A internet, uma vez que contribui na rápida difusão e troca de informações, também proporciona o agrupamento desses atores em rede sem necessariamente estarem presentes na mesma dimensão territorial. E da mesma forma que ela permite novas formações de redes e em redes, ela torna esses agrupamentos publicamente disponíveis. Aliás, está aí um erro recorrente na identificação de redes sociais na Internet. Recuero (2009: 102 - 103) nos lembra que um dos aspectos mais importantes para a análise e estudos desse tipo de agrupamento é exatamente os sites de redes sociais. A autora defende que esses sites não são necessariamente um novo componente nas redes sociais antes existentes, “mas uma consequência da apropriação das ferramentas de comunicação mediada pelo computador pelos atores sociais”. Portanto, os chamados sites de redes sociais, hoje, por mais que contribuam na manutenção e constituição de agrupamentos, eles são apenas sistemas, plataformas e não, por si, redes sociais. Isto é, esses sites tornam visíveis redes sociais já existentes ou a formação de outras e novas redes.

Assim, os sites de redes sociais como orkut<sup>3</sup>, facebook<sup>4</sup> e, mais recentemente, o twitter<sup>5</sup> podem nos fornecer, através de análises, como os atores vêm se agrupando, como essas redes estão se formando, como essas conexões estão se estabelecendo.

Recuero (2008) com base em Boyd & Ellison<sup>6</sup> define site de redes sociais como sistemas que apresentam três características: a construção de um perfil através de uma página pessoal; a interação entre esses perfis via comentários; e a exibição pública do perfil e da rede social de cada ator. Nesta noção dois elementos são trabalhados, a estrutura e a apropriação. A estrutura apresenta um duplo aspecto, a rede social visível, aquela que está exposta a todos os outros atores e a rede social ativa, isto é, aquela com a qual o ator mantém, de fato, diálogos.

---

<sup>3</sup><http://www.orkut.com>

<sup>4</sup> <http://www.facebook.com>

<sup>5</sup> <http://www.twitter.com>

<sup>6</sup> BOYD, d. m., & ELLISON, N. B. **Social network sites: Definition, history, and scholarship.** Journal of Computer-Mediated Communication, 13(1), article 11. Disponível em <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>, 2007.



“Aqui está nossa primeira premissa para o estudo das redes em sites de redes sociais: Há uma diferença fundamental entre as redes que são publicamente disponibilizadas pela ferramenta (chamaremos aqui de **redes de filiação**) e as redes que estão realmente “vivas”, emergentes através das conversações no sistema (chamaremos aqui de **redes emergentes**). Embora ambas representem redes sociais anexas, representam redes sociais diferentes. Enquanto as redes sociais decorrentes das conexões estruturais de um sistema podem representar uma rede estática, as redes sociais emergentes são aquelas que mostram efetivamente, com quem ele interage e como essas interações estão influenciando sua rede estruturada pelo sistema.” (Recuero, 2008).

As redes sociais do tipo emergente são aquelas constantemente construídas e reconstruídas através das trocas que nelas ocorrem, aquelas “expressas a partir das interações entre os atores sociais”. Tendem a ser mais conectadas e menores porque demandam esforços dos atores como tempo, comprometimento e investimento na criação de perfis. As redes de filiação são mais estáveis, não pressupõe troca mútua e não são alteradas pelo aumento ou diminuição das trocas exercidas pelos atores. Tendem a ser grandes porque não há investimento desperdiçado nelas e enquanto as conexões forem mantidas – os sites de redes sociais, por exemplo – ali permanecem. É preciso compreender que as diferenças entre essas redes são sutis e que a maior diferenciação está em suas dinâmicas; as primeiras são bastante “mutantes” e apresentam rastros de agregação e ruptura frequentemente, já as segundas, mudam raramente e por isso tendem a crescer mais e a acrescentar mais nós, atores e/ou grupos. Contudo, o mais importante é perceber que um mesmo objeto, e aqui atenta-se para os sites de redes sociais, pode conter tanto redes de filiação quanto redes emergentes (Recuero, 2009: 94-101).

Nos sites de redes sociais, ainda segundo Recuero (2008), o foco de atenção não está na formação de novas redes - embora é possível prever que elas irão acontecer - mas sim, “nos modos como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço off-line”. Portanto, uma primeira reflexão que podemos fazer é que uma das motivações para a apropriação dos sites de redes sociais reside na manutenção de agrupamentos pré-existentes e se pensarmos que a ativação dessas redes no espaço on-line demanda investimentos como interação, tempo, trocas sociais podemos também considerar que é através das redes emergentes que essa manutenção, pelo menos inicialmente, ocorre.

Assim, Raquel Recuero (2009), baseada nos elementos trabalhados por Boyd e Ellison, seguindo reflexões por ela desenvolvidas e acima citadas, divide os sites de



redes sociais em dois tipos: os apropriados e os estruturados. Chamando-os, enfim, de site de redes sociais propriamente ditos e sites de redes sociais apropriados. Os primeiros são aqueles com foco em publicizar, ampliar e complexificar as redes dos atores nelas presentes. “O uso do site está voltado para esses elementos, e o surgimento dessas redes é consequência direta desse uso” (2009: 104). Exemplos desses sites são o orkut e o facebook. Os sites de redes sociais apropriados são sistemas que inicialmente não nasceram com essa intenção, isto é, de tornar pública as redes sociais dos seus atores, mas com o passar do tempo, através do uso delas acabam sendo apropriadas com esse fim. Caso, por exemplo, dos fotologs e do Twitter.

Outro fato importante levantado pela autora está na idéia de que os diferentes sites de redes sociais não podem ser entendidos necessariamente como redes independentes entre si. Na prática, isso significa que “muitos atores utilizam sites de redes sociais diferentes para redes sociais diferentes e para construir valores diferentes” (Recureo, 2009: 105). Essa observação nos leva a refletir que, mesmo reconhecendo que um dos motivos para a apropriação de sites de redes sociais possa, inicialmente, residir no agrupamento on-line de redes pré-existentes, muitos outros fatores, de naturezas diversas, podem levar os atores a se apropriarem desses sistemas.

“... poderíamos discutir que a apropriação de diferentes ferramentas de comunicação mediada pelo computador, a partir de suas limitações e forças, poderia servir a diferentes propósitos para um mesmo ator.” (Recuero, 2009: 106).

Assim é possível pensar que os sites de redes sociais atuam em estratégias de sociabilidades múltiplas e isso permite que o ator possa se apropriar de diversos sistemas que atendam aos seus mais variados propósitos. Portanto, falar de apropriação em sites de redes sociais é ter, inicialmente, ciência de que ela pode ser motivada por inúmeros intuitos. E que a observância desse movimento possa requerer diversas angulações de análise, que podem se estabelecer, aqui, até mesmo, como um problema de pesquisa.

Uma das angulações que vem sendo trabalhada no projeto de pesquisa em andamento, é entender como parte desse processo de apropriação dos e nos sites de redes sociais virtuais, os movimentos de multiterritorialidade e reterritorialização.

#### **4. Reterritorialização e multiterritorialidade nos sites de redes sociais**



Os processos de territorialidade e as questões a ele vinculadas são fundamentais ao homem. Criar um território é, além de dominar movimentos que se dão no interior de suas fronteiras, também se apropriar, nas dimensões física e simbólica, dos vários elementos da vida. “Toda territorialização é uma significação do território (político, econômico, simbólico, subjetivo) e toda desterritorialização, re-significação, formas de combate à inscrição da vida em um “*terroir*”, linhas de fuga” (Lemos, 2006b).

André Lemos (2006b) igualmente argumenta que o ciberespaço é essencialmente desterritorializante, mas que o processo de desterritorialização vem sempre acompanhado de novas reterritorializações. Para o autor, esses processos são instaurados quando o espaço-tempo e o movimento de desencaixe passam por dinâmicas de restrição.

“A compressão do espaço-tempo institui o “tempo real” e a possibilidade de acesso a informações em todos os espaços do globo. O desencaixe nos permite vivenciar processos globais não enraizados na nossa tradição cultural. As mídias eletrônicas criam assim processos desterritorializantes em níveis político, econômico, social, cultural e subjetivo.” (Lemos, 2006b)

O termo território surge com dois sentidos, material e simbólico. Sua etimologia nasce tão próximo de terra-torium (com um sentido de dominação jurídica/política da terra) quanto de *terreo-territor*, sentido mais próximo de terror, do medo, especialmente para aqueles que com esta dominação ficam impedidos de usufruir, utilizar a terra, impedidos de entrar no território. Nessa perspectiva, território tem a ver com poder, tanto no sentido político, mais concreto, de dominação quanto ao poder no sentido simbólico, de apropriação (Haesbaert, 2001).

Nessa lógica, Haesbaert (2001) entende que todo território é um espaço dotado de significações e de funcionalidades, pois ao mesmo tempo é utilizado para realizar funções, como também para “produzir significados”. Para os atores estas dimensões surgem de forma integrada, onde uma não se sobressai sobre a outra, surgem com intensidades quase iguais.

Lemos (2006b) entende que o movimento territorializante da sociedade moderna se desenvolveu ao lado de eventos desterritorializantes, produzidos pelas revoluções sociais, pela flexibilidade das fronteiras, e pelas mídias de massa. Um desses eventos, mais recentes, é a própria cibercultura que para o autor, é a cultura da





desterritorialização, já que nos apresenta diversos problemas de fronteira e novas formas de desterritorializações, entre elas a informacional.

“A desterritorialização informacional afeta a política, a economia, o sujeito, os vínculos identitários, o corpo, a arte. A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além de fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito). Estão em marcha processos de desencaixe e de compressão espaço-tempo na cibercultura.” (Lemos, 2006b).

Ainda para o autor, a cibercultura proporciona a criação de linhas de fuga e desterritorializações, assim como reterritorializações. Nesse sentido, Haesbaert (2001) propõe, mais do que a perda ou desaparecimento dos territórios, discutir a complexidade dos processos de reterritorialização que hoje se apresenta. Para o autor, estaríamos construindo hoje territórios muito mais múltiplos, vivendo o que ele entende por multiterritorialidade.

A multiterritorialidade seria a experiência de vivenciar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, desenvolver uma territorialização, de fato, múltipla. Pensando “que o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territorialidades” (Haesbaert, 2004 apud Haesbaert, 2001).

Baseado em Yves Lacoste, Haesbaert entende que vivemos atualmente em uma espacialidade diferenciada composta por uma diversidade de representações espaciais que se referem à nossa mobilidade mais restrita, aquela do nosso cotidiano; às configurações espaciais que não são as mesmas das redes das quais pertencemos e às representações espaciais de maior amplitude, que abrangem o globo no seu conjunto. “O desenvolvimento desse processo de espacialidade diferencial se traduz por essa proliferação de representações espaciais, pela multiplicação das preocupações concernentes ao espaço” (Lacoste, 1988 apud Haesbaert, 2001).

Essa dificuldade de apreender globalmente esses espaços, segundo Haesbaert (2001), está ligada também a nossa experiência espacial contemporânea, associada diretamente a descontinuidade dos espaços e dos territórios, organizados hoje muito mais em rede, do que em áreas. Seria, então, o processo de compressão espaço-tempo e desencaixe que Lemos (2006b) cita em seu artigo e que pode também ser analisado como fenômeno que contribui ainda mais para esse movimento de reterritorialização ou



de formação de territórios múltiplos que só ganha ainda mais força com a cibercultura, e podemos pensar, mais especificamente com os sites de redes sociais.

Ora se entendermos que cada ator carrega em si um processo de multiterritorialidades e que este mesmo ator vem se agrupando com outros em rede, essa experiência de formação de territórios cada vez mais múltiplos torna-se mais ampla. A apropriação dos sites de redes sociais proporciona, não só a troca de informações instantânea, mas o cruzamento de multiterritorialidades distantes e diversas e a atuação dessas multiterritorialidades em rede numa escala de amplitudes incompreensíveis. Estaria aí também um dos elementos que cercam o movimento de apropriação dos sites de redes sociais? Isto é, uma tentativa de compreensão por parte dos atores dessas espacialidades? Ou sentir-se e fazer parte desse processo de espacialidade diferencial e ao mesmo tão amplo? Apropriar-se dos sites de redes sociais, pode também ser entendido como uma alternativa desses atores de desfazer-se dessa confusão e retomar seus fios, tecendo suas próprias redes ou novas redes?

O fato é que o ciberespaço, e em atenção aqui, os sites de redes sociais, parece nos proporcionar uma experiência de reterritorialização e de multiterritorialidade em um movimento quase que constante, nos permitindo a capacidade de ampliar a integração com outros territórios e agir sobre eles, só que agora a distância, expandindo nossa vivência de espacialidade e, de certo modo, tornando-a ainda mais diversa e complexa.

## **5. Observações finais**

A cibercultura permite novas formas de apropriação dos objetos tecnológicos, mas é no cotidiano que esses usos irão estabelecer novos modelos de relação do homem com a tecnologia. Como também é através dessas apropriações que os atores irão vislumbrar e realizar novos agrupamentos sociais, novas maneiras de sociabilidade em rede. Os sites de redes sociais constituem-se como plataformas que permitem a formação e publicização destas redes, sejam elas novas ou pré-existentes no espaço offline. Assim, essas plataformas também irão sofrer rupturas estruturais através dos usos e apropriações dos atores. Apropriações estas que acabam sendo definidas tanto pela estrutura dessas plataformas que permitem esse movimento como pelos diversos usos que os atores irão fazer delas. Propõe-se aqui pensar que um dos movimentos que norteia o processo de apropriação dos sites de redes sociais é a experiência de reterritorialização e de multiterritorialidade, marca da contemporaneidade em que



vivemos e característica do ciberespaço, onde os atores passam a ampliar sua dimensão territorial criando e formulando territórios cada vez mais múltiplos a partir da experiência no âmbito da cibercultura, e mais especificamente, nos sites de redes sociais.

## 6. Bibliografia

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet – reflexões sobre a internet, os negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

HAESBAERT, Rogério. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro. In: Anais do V Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR, v. 3, 2001. Disponível em <[http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert\\_multi.pdf](http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf)>. Acessado em 20 jun 2009.

LEMONS, A. **Apropriação, desvio e despesa na cibercultura**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Brasil, v. 1, n. 15, 2006. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/282/214>>. Acessado em 20 jun. 2009.

\_\_\_\_\_. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis: Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura**. COMPÓS, 2006b. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>>. Acessado em 20 jun 2009.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MARTÍN - BARBERO, Jesús. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

RECUERO, Raquel. **DIGA-ME COM QUEM FALAS E DIR-TE-EI QUEM ÉS: A Conversação Mediada pelo Computador e as Redes Sociais na Internet**. Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber), São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.